

## **AS CONCEPÇÕES ÁCRATAS DE ÉLISÉE RECLUS E PIOTR KROPOTKIN E SUAS INFLUÊNCIAS EM PROJETOS URBANOS E EXPERIÊNCIAS IMPULSADAS POR MOVIMENTOS SOCIAIS DOS SÉCULOS XX E XXI**

Miriam Hermi Zaar  
Universidad de Barcelona  
miriamzaar@yahoo.es

### **As concepções ácratas de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin e suas influências em projetos urbanos e experiências impulsadas por movimentos sociais dos séculos XX e XXI (Resumo)**

As concepções ácratas formuladas no século XIX, e que neste texto estão representadas pelos ideais dos geógrafos Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, têm exercido uma grande influência em projetos urbanísticos implantados durante o século XX, bem como nas experiências oriundas de movimentos sociais que tem ganhado relevância neste século. Conceitos que devem ser reexaminados à medida que indagamos sobre a necessidade de engendrar um modelo alternativo à sociedade atual, mais democrático e, portanto, mais justo socialmente. Pensar na cidade utópica concebida a partir das inúmeras possibilidades que a cidade “real” oferece, parece ser a alternativa mais viável.

**Palavras chave:** concepções ácratas, cidade utópica, Élisée Reclus, Piotr Kropotkin, Frank Wright, Ebenezer Howard, movimentos sociais.

### **The anarchist conceptions of Élisée Reclus and Piotr Kropotkin and their influences on urban projects and experiences stimulated by social movements of the XX and XXI centuries (Abstract)**

The anarchist conceptions formulated in the nineteenth century, in this text are represented by the ideals of geographers Elisée Reclus and Piotr Kropotkin, have exerted a great influence on development projects implemented during the twentieth century as well as in the experiences originated from social movements that have gained prominence in this century. They are concepts that should be examined when we to inquire about the need to generate an alternative model to the actual society, more democratic and therefore, more socially just. To think about the utopian city conceived from the in numerous possibilities that the city "real" offers, appears to be the most viable alternative.

**Key words:** anarchist conceptions, utopian city, Élisée Reclus, Piotr Kropotkin, Frank Wright, Ebenezer Howard, social movements.

## **Las concepciones ácratas de Élisée Reclus y Piotr Kropotkin y sus influencias en proyectos urbanos y experiencias impulsadas por movimientos sociales de los siglos XX y XXI (Resumen)**

Las concepciones ácratas formuladas en el siglo XIX, y que en este texto están representadas por los ideales de los geógrafos Élisée Reclus y Piotr Kropotkin, han ejercido una gran influencia en proyectos urbanísticos implantados durante el siglo XX, así como en las experiencias originadas en movimientos sociales que han ganado relevancia en este siglo. Conceptos que deben ser reexaminados a medida que indagamos sobre la necesidad de engendrar un modelo alternativo a la sociedad actual, más democrático y por lo tanto, más justo socialmente. Pensar la ciudad utópica concebida a partir de las innumerables posibilidades que la ciudad “real” ofrece, parece ser la alternativa más viable.

**Palabras clave:** concepciones ácratas, ciudad utópica, Élisée Reclus, Piotr Kropotkin, Frank Wright, Ebenezer Howard, movimientos sociales.

As concepções que envolvem a cidade ideal, e, portanto, a cidade utópica, não são recentes. Existem referências às mesmas desde o século XVI, com a publicação de obras como *Utopia* (1516) de Tomás Moro, inspirada na República de Platão, *I Mondi del Doni* (*O mundo prudente e insensato*, 1552) de Anton Francesco Doni, *New Atlantis* (1627) de Francis Bacon, ou *Civitas Solis* (*A Cidade do Sol*, 1602/27 - ver) do monge italiano Tomás Campanella, cada uma delas influenciadas por suas anteriores. Entretanto, foi a partir da 1ª Revolução Industrial, processo que levou à degradação da estrutura socioeconômica e ambiental de um considerável número de cidades europeias, que se projetaram como alternativa à “sociedade urbana real”, as primeiras cidades utópicas.

Conjugou para este fato especialmente a apropriação espacial e social da cidade e da vida urbana pela indústria, criando uma imensa brecha social entre dois níveis de urbanização muito distintos: a cidade formal e a cidade informal, o que supôs uma catástrofe à sua estrutura; mas igualmente o processo que impulsionou a mercantilização do espaço urbano a partir da substituição do seu valor de uso pelo valor de troca, assim analisado por Henri Lefebvre “A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana”<sup>1</sup>.

Às fortes críticas a uma cidade que deixou de ser orgânica, surgiram durante os séculos XIX e XX projetos alternativos cujas concepções estiveram intrinsecamente vinculadas ao socialismo utópico e ao pensamento anarquista. Por suas peculiaridades ou circunstâncias, alguns deles, como os Falanstérios de Charles Fourier, nunca se realizaram, enquanto que outros se materializaram total ou parcialmente.

O objetivo deste texto é analisar como a concepção anarquista sobre a cidade, influiu, desde o fim do século XIX, em projetos urbanos e também em experiências fomentadas por movimentos sociais. Para isto partimos da contribuição de dois importantes representantes desta ideologia, os geógrafos Élisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921). Ambos influenciados pelo pensamento de Jean-Jacques Rousseau formulado na obra *O Contrato Social* (1712) e pelos ideais de Pierre-Joseph

---

<sup>1</sup> Henri Lefebvre, 1991, p. 6.

Proudhon, refutavam o darwinismo social e a teoria da competição pela existência como justificativa à desigualdade entre os indivíduos e os povos, e, por isto, se empenharam em desenvolver e difundir conceitos que contemplassem uma sociedade mais justa. Como afirma Horacio Capel, “Reclus busca en la naturaleza un ejemplo y un modelo para la organización anarquista de la sociedad, aunque para ello ha de destacar las dimensiones de armonía, cooperación y simbiosis, en lugar de las típicas darwinistas de competencia, selección y lucha por la vida”<sup>2</sup>.

Reclus e Kropotkin concebiam a sociedade como parte da natureza, cuja contínua relação se articulava no tempo e no espaço<sup>3</sup>. Associam, como condição *sine qua non* ao processo de intercâmbio do conhecimento e evolução social, as diferentes formas de cooperação e de autonomia, o que lhes levou a rejeitar todas as formas de dominação, entre elas as representadas pela atuação de instituições como o Estado e a Igreja.

A cidade, objeto geográfico de fundamental importância nas obras de Élisée Reclus e de Piotr Kropotkin, é o *locus* da aplicação geográfica dos princípios da ajuda mútua e, portanto, das transformações das mesmas em “corpos orgânicos saudáveis”.

Como afirmam Frederico Ferretti e Philippe Pelletier,

“Kropotkin é conhecido como inventor da teoria da ajuda mútua: contudo, os arquivos demonstram que essa teoria é o fruto de uma elaboração comum, partilhada com Reclus e Metchnikoff nos anos em que estes geógrafos trabalhavam juntos às margens do lago de Genebra, sendo todos exilados políticos (Reclus e Lefrançais como combatentes da Comuna de Paris de 1871, Kropotkin, Metchnikoff e Dragomanov como oponentes do Czar)”<sup>4</sup>.

Tanto Reclus como Kropotkin concebiam o anarquismo como uma filosofia de cunho político e social que forma parte das ciências sociais e do evolucionismo. O sonho ácrata de fraternidade humana, em lugar de buscar razões na competição e na luta pela sobrevivência, reconhece a importância da harmonia (não isenta de contradições), da cooperação e da necessidade da adaptação do homem ao meio natural. A cumplicidade e a colaboração científica que selou as suas vidas e a de outros libertários como Charles Perron (1837-1909), Léon Metchnikoff (1838-1888), Mikhail Dragomanov (1841-1895), Gustave Lefrançais (1826-1901) e Patrick Geddes (1885-1920), resultou do fato de que todos possuíam as mesmas convicções com respeito à sociedade e ao espaço-meio<sup>5</sup>.

As obras de Élisée Reclus e de Piotr Kropotkin possuem um caráter que podemos especificar como de complementariedade: enquanto Reclus foi o primeiro geógrafo a elaborar uma análise das contradições do espaço urbano e das cidades, Kropotkin concebeu um novo modelo de cidade, cujos conceitos espaciais e sociais estavam fortemente vinculados aos preceitos anarquistas.

---

<sup>2</sup> Horacio Capel, 1988, p. 304.

<sup>3</sup> Segundo Élisée Reclus “o homem é a natureza que adquire consciência de si própria“. Para ampliar a informação consultar Miriam Zaar, 2015 <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1123.pdf>>.

<sup>4</sup> Federico Ferretti e Philippe Pelletier, 2015, p. 7.

<sup>5</sup> O termo meio (mesologia) é uma das noções-chave da geografia reclusiana.

## Segundo Harvey,

“A Reclus y a Kropotkin, ambos geógrafos, les impresionaba la notable diversidad de la vida, la cultura, la comunidad y el entorno que sus estudios geográficos revelaban. Ambos respetaban esta diversidad e intentaron preservarla mediante un proyecto político que ligara a los pueblos de la Tierra en una enorme federación de comunidades autónomas autogobernadas. Esto implicaba una visión fuertemente descentralizada y profundamente geográfica de cómo debería ser una sociedad alternativa y ha ayudado a alimentar una tradición política preocupada por la autogestión de los trabajadores, el control de la comunidad, la sensibilidad ecológica y el respeto por el individuo”<sup>6</sup>.

As concepções reclusianas e kropotkianas representam, segundo Peter Hall, as raízes do movimento planificador: “Lo que realmente sorprende es que muchas, aunque no todas, de las primeras visiones del urbanismo nacieron dentro del movimiento anarquista que floreció en las últimas décadas del siglo XIX y en las primeras del XX”<sup>7</sup>.

Ao se referir aos projetos desenvolvidos pela Associação para a Planificação Regional da América, Peter Hall afirma igualmente que “la visión de los pioneros anarquistas no era meramente una alternativa a la construcción, sino también una alternativa a la sociedad, que no era ni capitalista ni burocrático-socialista: se trataba de una sociedad basada en la cooperación voluntaria entre hombres y mujeres que trabajarían y vivirían en pequeñas comunidades que ellos mismos gobernarían”<sup>8</sup>.

A esperança de que um dia seja possível a construção de uma sociedade alternativa tem sido um dos motivos pelos quais as suas obras continuam sendo editadas e reeditadas. Outras razões nos remetem às iniciativas impulsionadas por arquitetos e também por movimentos sociais que questionam o planejamento urbano dirigido à reprodução do capital e reivindicam processos de construção dos espaços urbanos mais democráticos, já que, como afirma Henri Lefebvre, o direito à cidade inclui a rejeição de um modelo excludente, baseado em uma “organização discriminatória e segregativa” e se fundamenta em medidas que consolidam a “reconstituição de uma unidade espaço-temporal”<sup>9</sup>. É neste sentido que concordamos com Horacio Capel quando este afirma que “necesitamos utopías y debatir alternativas sobre la forma de organizar la ciudad. El debate es necesario incluso con los movimientos antisistema. La humanidad ha avanzado a través de las disidencias”<sup>10</sup>.

Este é o motivo pelo qual, inicialmente, centraremos o nosso enfoque nas análises críticas de Élisée Reclus e no modelo de cidade idealizada por Piotr Kropotkin, para posteriormente, discutir como estas contribuições se transformaram na base para outros estudos e experiências que se produziram na passagem do século XIX para o XX, mas que se intensificaram neste último e, todavia, continuam inspirando ideias e projetos.

Projetos e ideias de cidades utópicas que podemos classificar em duas grandes tendências. Uma representada por uma sociedade ideal situada em um espaço delimitado e, portanto, organizada a partir do planejamento urbano. Outra em que está

---

<sup>6</sup> David Harvey, 2007, p. 134.

<sup>7</sup> Peter Hall, 2013, p. 13.

<sup>8</sup> Peter Hall, 2013, p. 13.

<sup>9</sup> Espacio y política, 1976, 2012, p. 19.

<sup>10</sup> Horacio Capel, 2004 <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-551.htm>>

intrínseca a construção de uma sociedade futura ideal, na qual grupos sociais se transformam nos principais agentes de mudança e de impulso de iniciativas que promovem outro modelo de cidade. No primeiro caso se inserem projetos que compreendem pequenas cidades e cuja organização espacial simétrica inspira relações sociais mais equitativas. Compreendem projetos como o da cidade-jardim desenvolvido pelo inglês Ebenezer Howard (1850-1928), e suas derivações aos planos de *Letchworth* e *Welwyn*, e o modelo de “cidade orgânica” projetada pelo estadunidense Frank Lloyd Wright (1867-1959), *Broadacre City*.

No segundo caso se situa uma diversa gama de experiências locais conectada em redes, e cuja origem está nas grandes cidades e nos movimentos sociais que surgiram durante a segunda metade do século XX. As atitudes de contestação à dinâmica que envolve a “cidade real” e a busca por formas alternativas de reprodução do espaço e da vida urbana, que levaram aos seus principais protagonistas, membros de movimentos sociais oriundos de diferentes segmentos sociais, a organizarem-se e empreenderem experiências, que na sua essência contêm elementos, ações e reações inspiradas nas concepções anarquistas, mas que se apresenta como respostas aos questionamentos da sociedade do século XXI.

### **A cidade: uma análise a partir do método reclusiano**

A cidade é um objeto geográfico de primeira ordem nas obras *Nouvelle Géographie Universelle* e *L'Homme et la Terre*, a tal ponto que Élisée Reclus é considerado um dos precursores da geografia urbana em uma época na que esta definição disciplinar ainda não existia<sup>11</sup>. Em *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus analisa as complexas e plurais relações entre cidade e território, incluindo a concepção de “cidades múltiplas”, complexos residenciais e industriais que certamente serviram de base para a elaboração de conceitos como os desenvolvidos por Patrick Gueddes (conurbação) e por Jean Gottmann (megalópoles)<sup>12</sup>.

Em *L'Homme et la Terre*, publicada em 1905, logo após a sua morte, a análise da cidade, do espaço que a conforma e de seus habitantes perpassa toda a obra, além de que dedica o capítulo *Répartition des Hommes*<sup>13</sup>, à elaboração de uma interessante estudo sobre os problemas urbanos que assolavam países de diferentes continentes no final do século XIX e início do século XX.

Para realizar esta análise, Élisée aplica um método que concebeu a partir das suas três “leis”, as quais, segundo o autor, resultam de um processo contraditório que, engendrado pela combinação de diferentes elementos, move a humanidade a partir de períodos de progresso e retrocesso que se alternam. Trata-se de três conceitos que não podem ser apreendidos separadamente, a “luta de classes”, a procura do equilíbrio, e a decisão soberana do indivíduo, a partir dos quais analisa os processos que compõem o passado e o porvir dos povos. Uma acepção analítica que contempla a compreensão do

---

<sup>11</sup> Segundo Federico Ferretti e Philippe Pelletier, 2015, p. 9.

<sup>12</sup> Federico Ferretti, 2014, p. 409.

<sup>13</sup> Volume V, livro 4º, capítulo 2.

mundo a partir de uma dimensão espacial e temporal na qual os indivíduos e a sociedade formam um organismo e possuem um papel histórico fundamental<sup>14</sup>.

Reclus parte do princípio que a cidade é um “tecido vivo” que compreende todos os seus aspectos desde o seu nascimento à sua morte. Por isto, inclui no seu processo de evolução, tanto elementos naturais a partir da sua posição em relação ao meio, como elementos político- administrativos e movimentos populacionais, cujos resultados destas combinações se manifestam na expropriação do homem trabalhador e da natureza, nos problemas ambientais, na atuação dos agentes imobiliários, e nas novas relações cidade-campo. Estes são os principais temas que abordamos nesta análise sobre a sua obra.

### *A evolução das cidades*

O método elaborado por Reclus lhe possibilitou estudar as cidades em sua totalidade, de tal modo que conseguiu apreender, na sua essência, os movimentos que a compreendem desde a sua origem.

Ao analisar a estrutura espacial das cidades e afirmar que a aparente “desordem” da sua distribuição geográfica, assim como a hierarquia estabelecida entre as mesmas, contém na sua essência além de uma “ordem” “regulada outrora pelo passo dos caminhantes”<sup>15</sup>, um importante vínculo com o meio geográfico e com o processo histórico, já que “cada aquisição do homem cria pontos vitais em locais imprevisíveis, da mesma forma que cada novo órgão possui seus centros nervosos correspondentes”<sup>16</sup>, Reclus se transformou no precursor das teorias da localização desenvolvidas durante o século XX.

Ao conceber a cidade como um “organismo vivo”, atribui ao seu processo de evolução um movimento “irregular”, que incorpora períodos de progressos e de retrocessos, assim como ocorreu com Londres, cuja relevância estratégica durante o período romano (*Londinium*), declinou consideravelmente com a queda do Império Romano e voltou a ser valorizada somente duzentos anos mais tarde quando restabeleceu relações com o continente<sup>17</sup>.

Para Élisée cada cidade é resultado de um processo singular que lhe dota de uma individualidade particular, uma fisionomia própria, e para o qual contribuíram várias gerações que ali se sucederam, e lhe deixaram o seu caráter distinto. Esta circunstância lhe atribui uma personalidade coletiva e um caráter muito complexo, considerando que cada um dos seus diversos bairros se distingue do outro, por uma natureza particular.

Deste modo, para o autor,

“o estudo lógico das cidades, conjuntamente no seu desenvolvimento histórico e na fisionomia moral dos seus edifícios públicos e privados, permite julgá-la como se julgariam os indivíduos: constata-se qual é a dominante no seu caráter e até que ponto, na complexidade das suas

---

<sup>14</sup> Uma análise do método reclusiano é objeto de investigação de Miriam Zaar, 2015 (a).

<sup>15</sup> Élisée Reclus, 1985, p. 147.

<sup>16</sup> Élisée Reclus, 1985, p. 151.

<sup>17</sup> Élisée Reclus, 1985, p. 153.

influências, foram úteis ou funestos para o progresso das populações que se encontravam no seu raio de atividades”<sup>18</sup>.

A sua análise contempla igualmente a reestruturação urbana de algumas cidades europeias. Ao ressaltar como algumas práticas urbanísticas representadas por arquiteturas banais levam a perda da sua originalidade, afirma que:

“É um atentado contra a personalidade coletiva da cidade, tirar a sua originalidade para enchê-la de construções banais ou de monumentos que contradigam seu papel atual e o seu passado! A grande arte é transformar a cidade nova para adaptá-las às necessidades do trabalho moderno, conservando tudo aquilo que teve de pitoresco, de curioso ou de belo nos séculos já passados é preciso saber manter a vida ali e lhe devolver a salubridade e a utilidade perfeitas, da mesma forma que mãos piedosas restabelecem a saúde de um doente”<sup>19</sup>.

Um processo que contrasta fortemente com outras experiências como a de Edimburgo. A reabilitação do conjunto de ruínas insalubres que formava a High Street, após haver sido abandonada pela corte do Rei James, preservou a manutenção das suas características originais de modo que a “cidade ressurgisse no seu novo frescor, da mesma forma que, num jardim, a flor torna a brotar do pé, sem que uma modificação violenta tenha transformado o solo em torno do primeiro caule”<sup>20</sup>.

O método analítico de Reclus lhe leva igualmente a desentranhar as ações que impulsionam a especulação imobiliária nas cidades do século XIX. Para isto, articula o processo de urbanização à renda das terras urbanas e periurbanas, e depreende como a ação do capital imobiliário especulativo, representado por grandes proprietários (ingleses) que exploram minas, portos, além de muitos outros negócios urbanos se transformaram nos grandes construtores dos empreendimentos privados e públicos das cidades do século XIX, ainda que comportassem interesses que contrariavam os anseios da sociedade.

### *A cidade no âmago dos processos migratórios e das novas relações espaciais*

Élisée Reclus dá uma ênfase especial ao um elemento que impulsiona o crescimento das cidades, o movimento migratório campo-cidade. O articula à conjuntura social, política e econômica de cada país ou região, a qual compreende em diferentes níveis de intensidade, tanto a expropriação de terras comunais e a transformação de áreas agrícolas em pastagens, bosques ou domínios de caça<sup>21</sup>, como a demanda industrial por mão de obra abundante, processos que expulsam a população das áreas de cultivo e do meio rural.

Mas este exame detalhado compreende outro elemento que ganha expressão no século XX, as novas tecnologias empregadas na modernização dos meios de transporte e a consequente diminuição das distâncias entre as cidades, e entre estas e o campo, destacando como este avanço dinamiza dois processos aparentemente contraditórios: a migração campo-cidade e a urbanização do campo.

---

<sup>18</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 154.

<sup>19</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 160.

<sup>20</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 161.

<sup>21</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 145. Para uma análise sobre esta questão consultar Miriam Zaar, 2015 (b).

Ao mesmo tempo em que o mesmo impulsiona o fluxo de camponeses às cidades industriais, processo migratório que Reclus define como depósitos de aluviões arrastados pelas correntes e abandonados sobre as praias, cujo resultado pode se materializar em “uma vida mais ampla e às vezes no decaimento e na morte nas grandes cidades”<sup>22</sup>; o seu método de análise o leva a evidenciar um processo contrário, no qual, a precariedade urbana leva alguns setores da população, entre eles, homens de negócios que, menos subjugados ao trabalho e coadjuvados pela rapidez dos meios de comunicação, conseguem fixar residência no campo, onde o ar puro e o verde “refrescam as suas ideias” e, viajar à cidade duas ou três vezes por semana<sup>23</sup>.

O contexto que promove este novo movimento está vinculado aos altos preços dos aluguéis urbanos, à utilização da bicicleta, dos bondes de serviço matinal e dos trens de operários, os quais possibilitam que milhares de trabalhadores morem em lugares com ar menos carregado de ácido carbônico, ainda que em detrimento de horas de descanso<sup>24</sup>.

Nesta análise o geógrafo ácrata consegue apreender dois movimentos fundamentais que compreendem o processo de expansão urbana. Em um deles relaciona os avanços tecnológicos ao que denominamos atualmente de *compressão tempo-espaco*, já que ressalta que “graças às ferrovias, as regiões encurtam-se incessantemente, e pode-se inclusive estabelecer matematicamente em que proporção opera-se esta redução do território”<sup>25</sup>. Em outro, consegue identificar uma dinâmica que anunciava já na segunda metade do século XIX, a origem de um novo processo de expansão urbana, o da *cidade difusa*, e como consequência, o estreitamento das relações cidade-campo e os novos atributos que adquire este último, como lugar de residência e lugar de lazer.

Um contexto que o levou a classificar o fluxo migratório segundo a sua duração (permanente, sazonal e/ou temporário) ainda que os lugares de destino e de origem eram, incondicionalmente, a cidade e o campo. A estes transeuntes, os definiu como uma “população flutuante” cuja “nova condição”, lhe permitia “acumular, assim, as duas qualidades, de cidadão e homem do campo”<sup>26</sup>.

### ***A cidade e suas condições sócio-ambientais***

As reflexões de Reclus lhe possibilitaram entender a complexidade do “mundo urbano” e apreender o seu caráter contraditório:

“Quantas forças vivas se extinguíram por falta de aplicação, ou então foram semidestruídas pelo ódio nestas cidades de ar impuro, de contágios mortais, de lutas desordenadas! Mas também não foi destes agrupamentos brotaram as ideias, que se criaram novas obras, que explodiram revoluções que libertaram a humanidade das gangrenas senis?”<sup>27</sup>.

---

<sup>22</sup> Elisée Reclus, 1986, p. 199.

<sup>23</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 84-85.

<sup>24</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 162-3.

<sup>25</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 75.

<sup>26</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 84.

<sup>27</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 144.



Admite que “bem pouco numerosos são os emigrantes que podem realizar seus sonhos de fortuna; muitos deles encontram na pobreza e na doença, uma morte prematura nas grandes cidades”.

“Enfim, é nas cidades, sobretudo naquelas que são mais célebres por sua opulência e sua civilização, que decerto se encontram os mais degradados de todos os homens, pobres seres sem esperança que a sujidade, a fome, a ignorância brutal, o desprezo de todos, puseram bem abaixo do feliz selvagem percorrendo em liberdade as florestas e as montanhas”<sup>28</sup>.

A sua análise compreende a exploração sócio laboral, mas igualmente os problemas ambientais que denigrem o organismo urbano. Com a frase “Todavía é um fato bem conhecido: o ar das cidades está carregado de princípios de morte”<sup>29</sup>, inicia o seu exame crítico sobre as condições ambientais deterioradas que predominam nas cidades e como este fato afetava aos seus moradores, que na sua maioria renunciaram a sua terra natal em favor de uma rua estreita e nauseabunda de uma grande cidade, condição que abreviava a vida de milhões de migrantes: “As características do cidadão refinam-se, mas o corpo declina e as fontes da vida secam”<sup>30</sup>.

Em esta conjuntura, Reclus apreende, como processos fundamentais à melhora da vida nas cidades, tanto os avanços técnicos relacionados com a utilização da energia hidráulica, como a migração do capital à áreas afastadas situadas nas proximidades de cursos d’água, nas quais evidencia um novo processo de reestruturação do solo e a alteração da composição populacional nas “velhas” e “novas” áreas industriais<sup>31</sup>.

Entende que a contaminação atmosférica, dos rios e dos solos, a falta de saneamento básico e a ausência de áreas verdes conferem a algumas cidades uma atmosfera opaca e suja. Esta condição, associada às péssimas condições de trabalho, especialmente nas indústrias e minas, poderia, inclusive, conduzir algumas cidades a uma “regressão [populacional] rápida se as pessoas do campo não viessem preencher os vazios deixados pelos mortos!”<sup>32</sup>.

### **Piotr Kropotkin e o modelo de cidade utópica**

O pensamento kropotkiniano compreende as mesmas preocupações evidenciadas nas análises de Reclus. No entanto, as suas contribuições incluem uma proposta de superação da “cidade real”, o que seria viável a través da construção de uma “nova sociedade” cuja base estaria ancorada nos princípios ácratas.

As cidades, segundo Kropotkin,

“son organismos que han vivido siglos. Si cavásemos en sus suelos encontraríamos superpuestas calles, casas, teatros, circos y edificios públicos. Si profundizásemos en su historia, veríamos cómo la civilización de la ciudad, su industria, su genio, han crecido y madurado lentamente por acción de todos sus habitantes antes de llegar a ser lo que son. Y aún hoy, el valor de cada casa, de cada taller, de cada almacén, sólo es producto del trabajo acumulado de millones de

---

<sup>28</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 83.

<sup>29</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 81.

<sup>30</sup> Elisée Reclus, 2010, p. 82.

<sup>31</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 163.

<sup>32</sup> Elisée Reclus, 1985, p. 161.

trabajadores sepultados bajo tierra y no se mantiene sino por el esfuerzo de las legiones de hombres que habitan ese punto del globo”<sup>33</sup>.

Uma condição que reflexa sua própria contradição já que segundo o autor,

“la ciudad *una* ha cesado de existir; no más comunión de ideas. La ciudad no es más que un revoltijo casual de gentes que no se conocen, que no tienen ningún interés común, salvo el enriquecerse unos a expensas de otros; no existe la patria... ¿Qué patria común pueden tener el banquero internacional y el trapero?”<sup>34</sup>.

Com o objetivo de recuperar a unidade da vida social das cidades, as suas condições “orgânicas”, Kropotkin planeja um modelo de sociedade cujo bem estar coletivo compreende a repartição igual de alimentos, moradia para todos, trabalho digno com jornadas reduzidas, e oferta de serviços de qualidade, etc., em poucas palavras “Pão, casa e bem-estar para todos!” Este tema se converteu na essência da sua reflexão anarquista e repercutiu no seu modo de conceber a cidade e o território.

Ao refutar o Estado autoritário e o sistema capitalista, cujos papéis se confundem, prevê uma revolução que conduza a uma reorganização social compreendida por comunidades autônomas articuladas em sistemas federativos.

Assim como Reclus, toda a análise kropotkiana compreende uma crítica à sociedade do século XIX e a proposta de soluções que possam levar a uma sociedade ácrata igualitária. E, para que esta experiência tenha sucesso, aponta que a alimentação, “o pão”, deve preceder às demais necessidades, como vestir e morar, porque, lembra que “en 1793 el campo sitió por hambre a las grandes ciudades y mató la revolución”<sup>35</sup>, além de que a educação deve ser integral e o trabalho deve ser transformado em uma atividade cujo resultado seja satisfatório para quem o desempenha.

Partindo deste principio básico, Kropotkin projeta um novo modelo de sociedade com base nas necessidades dos indivíduos, isto é, no consumo, e com ele propõe outra organização do território, que protagonizado por novas perspectivas laborais adquire formas e funções que deveriam substituir as anteriores.

### ***Educação, tecnologia e divisão de trabalho***

Piotr Kropotkin propõe que a base para esta nova sociedade seja a educação. Planeja uma profunda modificação do sistema de educação da época, no qual, em lugar de uma ‘educação técnica’ que mantém a divisão do trabalho e a separação drástica entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, transformando o trabalho humano em um apêndice de carne e osso de uma imensa máquina, proclama a necessidade de uma educação integral, ampla, filosófica e científica. Isto possibilitaria a “integração das capacidades” de todos os trabalhadores, compreendendo o exercício de atividades manuais e intelectuais nas direções que quisessem<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> Piotr Kropotkin, *La conquista del pan*, 1973, p. 13.

<sup>34</sup> Piotr Kropotkin. *La conquista del pan*, 1973, p. 88-89.

<sup>35</sup> Piotr Kropotkin. *La conquista del pan*, 1973, p. 59.

<sup>36</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 7.

Segundo o autor, a divisão do trabalho e a divisão e subdivisão permanente das funções foi instituída de forma tão intensa, que promoveu uma ampla divisão entre produtores e consumidores: por um lado temos produtores que consomem pouco e, por outro, consumidores que produzem pouco. Além disto, o sistema engendrou para os primeiros, uma série de novas subdivisões, entre elas o trabalho manual e o intelectual, o trabalhador do campo e o da fábrica.

Em este contexto ressalta, além da importância da apropriação dos meios de produção, a relevância em utilizar a tecnologia em benefício de todos. O emprego da máquina pode produzir a quantidade de produtos necessários para o bem estar de todos, com menor força humana; suplantando o trabalho manual na manufatura de gêneros correntes; e, reduzir o número de tempo de trabalho para até quatro ou cinco horas diárias, o suficiente para que os homens pudessem produzir comodamente o necessário para garantir o bem-estar social<sup>37</sup>. Nas demais horas deveriam dedicar-se a outras atividades de seu interesse ou ao ócio. Assim a aspiração do anarquista russo é que se produzisse mais com menos trabalho e que se pudesse gozar dos prazeres que a vida brinda, nada impossível, segundo suas palavras<sup>38</sup>.

Estes mesmos progressos técnicos, deveriam igualmente suprimir, ainda que parcialmente o trabalho doméstico, o que propiciaria à mulher tempo para dedicar-se a outras atividades profissionais, mais prazerosas<sup>39</sup>.

Com este mesmo objetivo, Kropotkin propõe a alternância de atividades, associando o trabalho manual com atividades intelectuais coletivas, pois entende que este processo, ao proporcionar a ampliação das capacidades que surgem das tarefas integradas com um fim comum, representa a verdadeira força do progresso:

“Pero, precisamente, a medida que el trabajo que se exige al individuo en la producción moderna se hace más simple y fácil de aprender, y por consiguiente, también más monótono y cansado, la necesidad que siente el individuo de variar de trabajo, de ejercitar todas sus facultades, se hace cada vez más imperiosa. La humanidad percibe que ninguna ventaja aporta a la comunidad el condenar a un ser humano a estar siempre en el mismo lugar, en el taller o la mina, y que nada gana con privarle de un trabajo tal, que lo pusiera en libre contacto con la naturaleza, haciendo de él una parte consiente de un gran todo, un partícipe de los más elevados placeres de la ciencia y el arte, del trabajo libre y de la concepción”<sup>40</sup>.

Kropotkin também defende na sua sociedade utópica, a higienização e a organização das fábricas, dos ateliês e das minas, com o objetivo de que se transformem em lugares de trabalho agradáveis cujo bem-estar propicie um trabalho produtivo. Argumenta em favor da extinção das tarefas repugnantes e ao mesmo tempo se pergunta: “¿Puede dudarse de que en una sociedad de iguales, en que los brazos no estén obligados a venderse, el trabajo será realmente un placer, una distracción?”<sup>41</sup>.

O projeto de transformação social de Kropotkin pode ser resumido em esta frase: “Vamos a ocuparnos de una sociedad comunista anarquista, de una sociedad que

<sup>37</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 90-91.

<sup>38</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 53.

<sup>39</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 98.

<sup>40</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 9.

<sup>41</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 94.

reconozca la libertad plena y completa del individuo, no admita ninguna autoridad y no emplee violencia alguna para forzar al hombre al trabajo”<sup>42</sup>.

### ***O trabalho como modo de intensificar a relação cidade-campo***

Piotr Kropotkin, assim como Tomas Moro, defende uma cidade cuja combinação entre agricultura e indústria, esteja suportada espacialmente pela fusão da cidade com o seu campo circundante na qual os trabalhadores deveriam abandonar os mil pequenos trabalhos que produzem artigos de luxo para pensar no mais urgente: o pão.

Nesta prática, planeja uma integração entre a cidade e suas áreas circundantes e consequentemente entre as suas funções: as terras agrícolas da periferia urbana deveriam ser trabalhadas, ao menos durante a colheita, por trabalhadores industriais que interromperiam o seu trabalho habitual para se transladar-se às mesmas.

Também ressalta a importância do cultivo nos interstícios urbanos da cidade edificada (hortas urbanas), dedicando a esta atividade, algumas horas de “trabalho sano e atraente”.

Para isto defende, por um lado, o cultivo da terra nas grandes cidades: “Es preciso que las grandes ciudades cultiven la tierra, como lo hacen los pueblos rurales.... Después de haber dividido el trabajo, es preciso integrar: tal es la marcha seguida por toda la naturaleza”<sup>43</sup>. Por outro, ressalta que as novas áreas periurbanas e rurais não devem reproduzir o trabalho penoso do camponês, mas seguir os princípios da agricultura intensiva, praticada por cidadãos que deverão transformar-se em agricultores, em áreas proporcionalmente maiores e empregando máquinas<sup>44</sup>.

Mas, além de projetar a articulação entre o trabalho no campo e na indústria, o que fomentaria um grande fluxo migratório temporal, prevê a transferência das indústrias para o campo: “Para que el campo esté bien cultivado, para que dé las prodigiosas cosechas que el hombre tiene derecho a pedirle, es preciso que a su alcance humeen muchas fábricas y manufacturas”<sup>45</sup>.

Este entendimento está vinculado à sua compreensão de que “la agricultura llama a la vida a la manufactura, y ésta sostiene a aquéllas: ambas son inseparables, y su mutua combinación e integración produce los más grandes resultados”<sup>46</sup>. Um processo no qual Kropotkin se empenha em reverter o resultado laboral e de produção de alimentos:

“La economía política ha insistido hasta ahora principalmente en la división: nosotros proclamamos la integración, y sostenemos que el ideal de la sociedad, esto es, el estado hacia el cual marcha ésta, es una sociedad de trabajo integral, una sociedad en la cual cada individuo sea un productor de ambos, trabajo manual e intelectual; en la que todo ser humano que no esté impedido sea un trabajador, y en la que todos trabajen, lo mismo en el campo que en el taller industrial; donde cada reunión de individuos, bastante numerosa para disponer de cierta variedad

<sup>42</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 111.

<sup>43</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 62.

<sup>44</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, 166-167.

<sup>45</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, 152.

<sup>46</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 9.

de recursos naturales, ya sea una nación o una región, produzca y consuma la mayor parte de sus productos agrícolas e industriales”<sup>47</sup>.

Por outro, salienta a relevância de promover o desenvolvimento integral da capacidade humana do trabalhador:

“Dad al obrero que debe ceñirse a fabricar una minúscula parte de un artículo cualquiera, que se ahoga junto a una máquina de taladrar, que concluye por aborrecer dadle la probabilidad de cultivar la tierra, derribar árboles en el bosque, correr en el mar contra la tormenta, surcar el espacio en una locomotora. Pero no hagáis de él un perezoso, obligándole toda la vida a vigilar una maquinilla de punzonar la cabeza de un tornillo o agujerear el ojo de una aguja”<sup>48</sup>.

Em este movimento articulado por seus diferentes elementos, Kropotkin não deixa de incluir a utilização dos resíduos urbanos no processo de adubação do solo agrícola. Contam a favor o fator proximidade, mas igualmente os altos preços praticados pelos abonos sintéticos e as dificuldades para dar um destino adequado aos resíduos urbanos. A associação entre o campo cultivado de forma intensa e as indústrias dispersas entre a cidade e o campo planteiam uma maior articulação entre indústria e agricultura e entre os espaços que compreendem cidade e campo.

### ***A reorganização da cidade a partir da produção e do consumo***

Piotr Kropotkin defende que o provisãoamento de alimentos passa pela eliminação de obstáculos sociais como o acesso à terra, à renda da terra, os benefícios dos intermediários, os impostos estatais e os altos juros dos empréstimos. Para resolver o problema de provisãoamento de alimentos na nova sociedade que projeta, propõem a associação entre cidadãos e camponeses e a troca de seus produtos segundo a necessidade de ambos, sem qualquer tipo de exploração.

Reconhece igualmente que “las fábricas crecieron, y abandonaron los campos; se reunieron allí donde la venta de sus productos era más fácil, o donde las primeras materias y el combustible podían obtenerse con mayor ventaja”<sup>49</sup>. Transformaram-se em um elemento fundamental na implantação de algumas cidades e na expansão de outras, na deterioração do meio ambiente, e na migração de trabalhadores rurais a busca de trabalho. Para trás ficaram os laços afetivos da terra natal e das áreas de cultivo desabitadas e despovoadas.

Um processo que Kropotkin, assim como Reclus, entendem como resultado do aumento da difusão da energia não humana (tecnologia) e da produção, mas com terríveis consequências sociais para os milhões de seres humanos que desvanecidos na miséria, vivem com meios precários que lhes ofereciam as periferias das cidades do século XIX e inícios do XX. Uma situação sem saída que compreende uma imperiosa necessidade de que se realize uma mudança completa nas relações entre capital e trabalho. Uma remodelação na organização industrial de tal modo que esteja combinada com a agricultura.

---

<sup>47</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 10.

<sup>48</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 123.

<sup>49</sup> Piotr Kropotkin. *Campos, fábricas y talleres*, 1978, p. 96.

Para conceber esta nova cidade, Kropotkin estuda as necesidades do individuo e os meios que dispõe para satisfazê-las, e chega à conclusão de que para isto, devem levar-se em consideração outros aspectos, como a produção em si, a troca, os impostos, o governo, etc., assim justificada:

“Tal vez se diga que esto es lógico: que antes de satisfacer necesidades es preciso crear lo que pueda satisfacerlas, que es preciso producir para consumir. Pero antes de producir, sea lo que fuere, ¿no precisa sentir su necesidad? ¿No es la necesidad quien desde el principio impulsó al hombre a cazar, a criar ganado, a cultivar el suelo, a hacer utensilios y más tarde aún a inventar y hacer máquinas? ¿No es asimismo el estudio de las necesidades lo que debiera regir a la producción? Por lo menos, tan lógico sería comenzar por ahí para ver después cómo es preciso arreglárselas para atender a esas necesidades por medio de la producción”<sup>50</sup>.

E complementa:

“Si las necesidades más imperiosas del hombre quedan sin satisfacer, ¿qué deberá hacerse para aumentar la productividad del trabajo? ¿No hay otras causas? ¿No será alguna de ellas el que habiendo perdido de vista la producción, las necesidades del hombre, ha tomado una dirección absolutamente falsa y su organización es defectuosa? Y puesto que así lo comprobamos, en efecto, busquemos el medio de reorganizar la producción de modo que responda en realidad a todas las necesidades”<sup>51</sup>.

Como se observa, Kropotkin entende que a grande cidade é o lugar do consumo por excelência e, no caso de estar sublevada, seria a primeira a possuir dificuldades de abastecimento, seja pela interrupção das vias de comunicação ou por outros motivos. Por isto, pensando na cidade de Paris e na sua Comuna de 1871, onde se suprimiram os aluguéis e a população trabalhadora reclamou o seu direito incontestável à cidade que ela mesma havia edificado, planeja: a) uma cidade voltada ao exterior, ao seu cinturão de agricultura intensiva e tecnificada, onde a nova comuna poderia extrair o seu alimento renovador; b) um consumo de alimentos e de moradias socializado.

A concepção de Kropotkin pode muito bem ser resumida através das palavras de Murray Bookchin: “El sueño anarquista siempre intentó convertir el trabajo en un juego creativo, convertir la vida en felicidad, ganarse la vida divirtiéndose y ‘hacer política’, dando ejemplos y creando experiencias vividas”<sup>52</sup>.

Para isto defende, por um lado, o cultivo da terra nas grandes cidades: “Es preciso que las grandes ciudades cultiven la tierra, como lo hacen los pueblos rurales.... Después de haber dividido el trabajo, es preciso integrar: tal es la marcha seguida por toda la naturaleza”<sup>53</sup>.

### **As influências das teses de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin na concepção urbana do século XX**

No que se refere às contribuições ácratas para a construção de uma sociedade alternativa, em especial as de Reclus e Kropotkin, David Harvey afirma,

<sup>50</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 137-138.

<sup>51</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 139.

<sup>52</sup> David Harvey, 2007, p. 13.

<sup>53</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 62.

“A Reclus y a Kropotkin, ambos geógrafos, les impresionaba la notable diversidad de la vida, la cultura, la comunidad y el entorno que sus estudios geográficos revelaban. Ambos respectaban esta diversidad e intentarían preservarla mediante un proyecto política que ligara a los pueblos de la Tierra en una enorme federación de comunidades autónomas autogobernadas. Esto implicaba una visión fuertemente descentralizada y profundamente geográfica de cómo debería ser una sociedad alternativa y ha ayudado a alimentar una tradición política preocupada por la autogestión de los trabajadores, el control de la comunidad, la sensibilidad ecológica y el respeto por el individuo”<sup>54</sup>.

Segundo Peter Hall, ainda que os “padres do anarquismo” fossem pouco realistas tiveram uma magnífica visão das possibilidades da civilização urbana, o que é digno de ser recordado e celebrado; em contraposição, Le Corbusier, el Rasputín desta história, representa o urbanismo autoritário, cujas más influencias estão sempre conosco<sup>55</sup>.

Dedicaremos esta parte do texto a analisar como as concepções dos nossos protagonistas inspiraram projetos cujo objetivo era o bem-estar social e a convivência harmônica entre o homem e a natureza. Para isto, nos propomos a refletir sobre alguns projetos urbanísticos e experiências coletivas que receberam a influência dos preceitos anarquistas.

### ***Projetos urbanísticos***

Seguindo a tradição ácrata, Willian Dean Howells, elaborou no seu livro *A Travel from Altruria* (1894), uma crítica às cidades, na qual descreve entes que “cresciam e engordavam as expensas do campo e alimentavam a sua vida cancerosa com chás frescos do seu sangue”. Para superar esta condição idealizou uma cidade onde a cooperação, o altruísmo e a racionalidade seriam soberanos. Uma nova ordem natural, na qual as atividades urbanas se mesclariam com as rurais, ressurgiria o sentimento de fraternidade e vizinhança, as máquinas inimigas dos trabalhadores passariam a ser suas amigas e escravas, e tanto o trabalho agrícola, como o industrial ou o administrativo seriam desenvolvidos coletivamente<sup>56</sup>.

Diferentemente deste “ideal”, a nossa análise busca estudar exemplos “reais” resultado de uma reação contrária ao que mais tarde se denominou “cidade leocorbusiana das torres” e onde podemos encontrar alguns dos princípios urbanísticos sustentados pela corrente anarquista.

Patrick Geddes foi um dos mentores deste novo planejamento ao propor nos seus projetos indianos, uma cidade que se assemelhasse à vida orgânica, caracterizada por um funcionamento harmonioso de todos os seus órgãos e adaptada às necessidades dos seus habitantes. Em esta concepção reconhece que se deveriam substituir as atividades industriais pelas artesanais, já que entendia que “somente são belas [as] coisas que se fazem bem”<sup>57</sup>.

Convencido da importante contribuição dos seus trabalhos às novas propostas de planejamento urbano, assim se expressa na sua obra *Town Planning towards City*

---

<sup>54</sup> David Harvey, 2007, p. 134.

<sup>55</sup> Peter Hall, 2013, p. 14-15.

<sup>56</sup> Willian Howell, 1968, p. 187-195.

<sup>57</sup> Peter Hall, 2013, p. 254.

*Development. A report to the Durbar of Indore* (1918): “por lo que yo sé, éste es el más competo y detallado de los planes para una ciudad que existen”<sup>58</sup>.

Como Colin Ward (1924-2010) e John F. Turner (1927-), Patrick Geddes também rejeitou a atuação das grandes organizações públicas ou privadas, defendendo que a cidade deveria ser construída pelos próprios cidadãos. Ideias que já haviam sido defendidas tanto por William Morris (1834-1896) e Edward Carpenter (1844-1929), como por Piotr Kropotkin e Élisée Reclus<sup>59</sup>.

Os projetos de Ebenezer Howard e do estadunidense Frank Lloyd Wright (1867-1959) vão nesta direção e por isto foram os escolhidos para representar ensaios que aportam concepções ácratas, e dos quais participaram ativamente, além dos seus protagonistas, outros importantes urbanistas e arquitetos do século XX, como Barry Parker, Raymond Unwin e Louis de Soissons.

#### *O projeto cidade-jardim de Ebenezer Howard (1850-1928)*

Assim como Élisée Reclus e Kropotkin, Howard considerava deplorável o fato de que as cidades já superlotadas continuassem recebendo fluxos ininterruptos de imigrantes que deixavam atrás os campos despovoados. Na sua principal obra, *Les Cités-Jardins de demain* (1898 e 1902) alude sobre os problemas de habitação, falta de higiene e miséria que degradava e diminuía consideravelmente a expectativa média de vida da população trabalhadora. A situação era tão deplorável que se encontrava na pauta de discussões a possibilidade de devolver o camponês à sua terra.

Com o objetivo de buscar alternativas para esta grave conjuntura socioeconômica e ambiental urbana, Ebenezer Howard organizou, no final do século XIX, o *Garden Cities Movement*, um movimento que segundo Peter Hall, foi a primeira e mais importante resposta à cidade vitoriana, o conceito de *cidade-jardim*, desenvolvido entre 1880 e 1890.

Ainda que o presente artigo tenha como meta identificar e avaliar o nível de influência que os princípios defendidos por Kropotkin foram incorporados no modelo *cidade-jardim* desenvolvido por Howard, é importante destacar que segundo alguns autores que analisam o mesmo, como Lewis Mumford e Françoise Choay, Howard também foi inspirado pelo pensamento de Thomas Spencer e James Silk Buckingham<sup>60</sup>, e pelas obras *Progress and Poverty* (1881) e *Looking Backward* (1889) de Henry George e Edward Bellamy, respectivamente<sup>61</sup>.

Um dos primeiros pontos que Ebenezer Howard destaca no seu projeto é a preocupação com o intenso movimento migratório campo-cidade. Como solução propõe possíveis estímulos que levassem aos migrantes oriundos do campo a retornar ao mesmo através do seu projeto:

---

<sup>58</sup> Peter Hall, 2013, p. 258-259.

<sup>59</sup> No texto *Renovação de uma cidade*, 2010, p. 81-94, Reclus analisa o pensamento e a obra de Patrick Gueddes.

<sup>60</sup> Lewis Mumford, 1979, vol. II, p. 680; 1969, p. XXXVIII.

<sup>61</sup> Françoise Choay, 1971, p. 339; Stephen Bayley, 1982, p. 16 e 17.



“Que peut-il être possible de faire, pourront dire certains pour rendre la campagne plus attirante que la ville pour salarié ? pour faire que les salaires ou du moins le bien-être matériel atteignent un niveau supérieur à la campagne qu’à ville ? pour procurer dans les campagnes des possibilités égales de vie de société ou pour y rendre les perspectives de promotion, pour la moyenne del hommes et des femmes, égales, pour no pas dire supérieures, à celles dont ils jouissent dans nos grandes cités?”<sup>62</sup>.

[O que se pode fazer para que ao trabalhador lhe resulte mais atrativo o campo que a cidade, para que os salários, ou ao menos o bem estar físico seja superior no campo que na cidade, para que as possibilidades de relação social sejam iguais no campo ou para que as possibilidades de promoção do homem e da mulher sejam iguais ou superiores às existentes nas nossas grandes cidades?]<sup>63</sup>.

Em consonância com o modelo de cidade utópica planejada por Kropotkin, que prevê a associação ou alternância de atividades manuais e intelectuais, Howard prevê a cidade a partir de três imãs (*town*, *country* e *town-country*) nos quais conjugariam, em determinado território, as vantagens da cidade e do campo. Trata-se de uma “troisième possibilité de choix par laquelle on peut s’assurer dans une combinaison parfaite, les avantages de la avie urbaine, plus dynamique et plus active, por en même temps que tout la beauté et les plaisirs de la campagne”<sup>64</sup>. Este seria, segundo Howard o principal atrativo, o imã que induziria a um movimento populacional espontâneo em direção a núcleos urbanos híbridos.

O seu entendimento de que a sociedade humana e a beleza da natureza são além de compatíveis, complementares e que podem ser disfrutadas juntas, o leva a coincidir com Reclus e com Kropotkin, quando afirma que, da atual separação antinatural entre a cidade e o campo, deveria surgir uma união que viabilizasse uma nova vida, uma nova civilização<sup>65</sup>.

Para esta “nova civilização”, estruturada segundo um modelo culturalista<sup>66</sup>, Howard considerava primordial: a) que a terra fosse propriedade de toda a cidade, o que o levou a eliminar a propriedade privada; b) que a cidade-jardim estivesse sujeita a um crescimento limitado enquanto a sua superfície, número de habitantes e densidade; e, c) que houvesse um equilíbrio entre as várias funções da cidade, e também entre a cidade e o campo, em uma pauta ecológica mais vasta.

Com este objetivo planejou uma cidade a partir da compra de uma superfície de 6.000 acres<sup>67</sup> (24 Km<sup>2</sup>) mediante um empréstimo hipotecário pago a partir de fontes como cotas de participação dos moradores e processo de urbanização do terreno. Além disto, previu que as rendas procedentes dos terrenos seriam entregues ao Conselho Central da nova municipalidade que as aplicaria na criação e na manutenção de infraestruturas. Um processo que ao contemplar a supressão dos aluguéis e da renda da terra, coloca sob o mesmo arcabouço conceitual as ideias de Howard e os princípios ácratas.

---

<sup>62</sup> Ebenezer Howard, 1969, p. 5. *Introduction de l’auter*.

<sup>63</sup> Tradução da autora.

<sup>64</sup> Ebenezer Howard, 1969, p. 6.

<sup>65</sup> Ebenezer Howard, 1969, p. 8.

<sup>66</sup> Sobre os modelos de cidades abordados em este texto pode-se consultar Françoise Choay, 1983, p. 9-68.

<sup>67</sup> Um acre equivale a 4.046,8564224 metros quadrados, aproximadamente 40% de um hectare.

Os objetivos deste projeto se centravam na melhora das condições de vida e de trabalho da população, o que pode ser obtido com a criação de postos de trabalho em ambientes industriais salubres, com uma maior estabilidade no emprego e com salários dignos. Com o intuito de alcançar este objetivo, Howard planejou oferecer a profissionais e sociedades cooperativas, meios que lhes permitissem instalar-se na nova cidade, uma condição que ampliaria a oferta de emprego e a demanda por produtos agrícolas cultivados nas suas adjacências, dinamizando a vida social e a economia da nova cidade.

Objetivos que segundo Howard deveria alcançar-se com a combinação saudável, natural e equilibrada da vida cidadania e rural sobre um solo cujo proprietário seria o município<sup>68</sup>.

Para este projeto, Howard prevê, que de um total de 6.000 acres (24 Km<sup>2</sup>), 1.000 acres (4 Km<sup>2</sup>) deveriam ser reservados à área urbana central, cuja forma circular de 1.240 jardas (1.133 metros) de radio (figura 1), privilegiaria os espaços verdes e as áreas comuns e de serviços. O seu centro compreenderia um espaço circular de aproximadamente cinco acres cujo jardim seria rodeado por uma infraestrutura que abrangeria grandes edifícios públicos (prefeitura, biblioteca, teatro, museu, hospital) situados em terrenos espaçosos e independentes, além de um parque público central de 145 acres (580 m<sup>2</sup>) com zonas de lazer de fácil acesso e áreas cobertas, bordado por um “Palácio de Cristal” que incluiria uma galeria comercial e um jardim de inverno. Espaços urbanos que, contrariamente ao que ocorre nas grandes cidades inorgânicas, estariam contemplados por atividades com um amplo valor de uso, nos quais despontariam o lazer, os eventos sociais e o intercambio de conhecimentos. Uma atribuição que possibilitaria à cidade desenvolver a sua função, como lugar de encontro e de debate, comportando-lhe, segundo Élisée Reclus, albergar a característica dual do ser humano, o seu caráter individual e social.

Em sua conformação integral a área urbana compreenderia espaços verdes e amplas vias de circulação: cinco avenidas e seis amplos passeios arborizados (*boulevards*), cujas larguras deveriam compreender 120 pies (36 metros), sendo que cada um deles dividiria a cidade em seis distritos iguais.

Entre as duas primeiras avenidas (exteriores) e as duas últimas (interiores), Howard projetou uma *Gran Avenue* que se caracterizaria por um cinturão verde de 115 acres, no qual se encontrariam incluídas superfícies reservadas para uma escola pública, igreja e área de lazer, e que dividiria as partes internas e externas da área urbana onde se construiriam 5.500 casas projetadas para 30.000 habitantes.

Com quatro casas por quadra e uma arquitetura variada, regulada pelo Conselho Municipal, cada casa contaria com uma parcela de solo limitando com as esquinas da quadra<sup>69</sup>, as suas superfícies média e mínima deveria ser de 20x130 pies (6mx39m) e 20x100 pés (6mx30m), respectivamente, sendo que algumas delas compreenderiam jardins comuns e cozinhas cooperativas.

---

<sup>68</sup> Ebenezer Howard, 1969, p. 12-13.

<sup>69</sup> Lewis Mumford, 1959, p. 27.

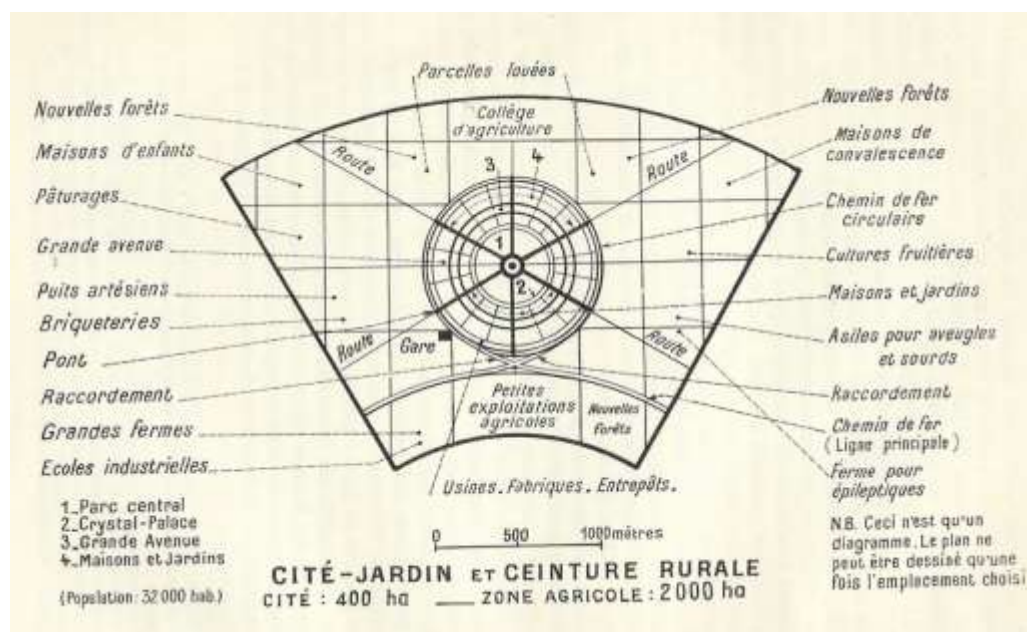
Assim como Kropotkin planeja uma cidade voltada ao exterior, ao seu cinturão de agricultura intensiva e tecnificada, Howard destina as áreas que circundam o núcleo urbano à residência e trabalho de aproximadamente 2.000 agricultores. As concebe como um grande mercado natural à disposição da demanda da população, cujos preços módicos seriam resultado da eliminação do intermediário e dos gastos com transportes, sem que para isto, houvesse qualquer restrição à comercialização.

Ainda que Ebenezer Howard não tenha seguido na sua íntegra o princípio kropotkiano que considerava oportuno levar as indústrias ao campo, o seu projeto consegue se aproximar do que seria uma integração espacial entre áreas industriais e áreas agrícolas. As fábricas, ateliês de confecções, armazéns, mercados, carpintarias e também a principal via de trem que cruzaria a cidade se situariam nas proximidades da “First Avenue”, anel viário exterior. Esta localização facilitaria a circulação de mercadorias, reduziria os custos e tempo dedicados ao transporte, e diminuiria o tráfego interno e, portanto, a contaminação atmosférica no núcleo urbano.

Em um espaço frontal à área industrial, externo e contíguo à via férrea se organizariam as propriedades agrárias e as leiterias. Deste modo, ambas as áreas estariam conectadas com o principal eixo ferroviário (figuras 1 e 2).

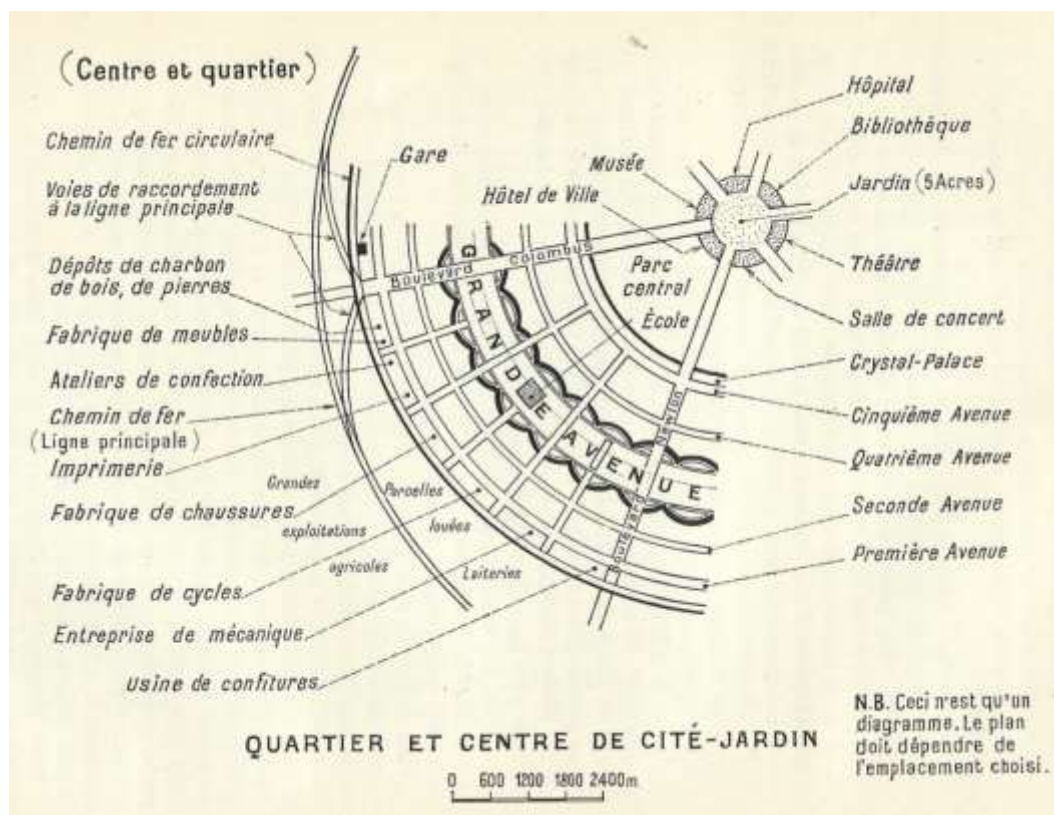
Assim como Kropotkin, Howard também prevê o aproveitamento dos resíduos urbanos nas áreas agrícolas, e prevê a redução ou eliminação do penoso trabalho camponês, estimulando o a agricultura intensiva e o emprego de máquinas.

Figura 1. Projeto da Cidade-jardim de Ebenezer Howard



Fonte: *Les Cités-Jardins de demain*, 1969, p. 12.

Figura 2. Projeto da Cidade-jardim de Ebenezer Howard, detalhe da área central



Fonte: *Les Cités-Jardins de demain*, 1969, p. 13.

O modelo de cidade-jardim elaborado por Howard representa uma defesa a favor da descentralização e da dispersão<sup>70</sup>, já que a sua cidade foi concebida aberta e comunicada com outras cidades-jardim e com as metrópoles através de transporte público eficaz. Com isto, além de conceber a cidade e o campo como uma unidade orgânica, Howard demonstrou a viabilidade da descentralização.

Este projeto ganhou materialidade na primeira cidade-jardim Letchworth em 1904/1905 na Inglaterra, construída pelos arquitetos Barry Parker e Raymond Unwin para 33.000 habitantes. Tanto o modelo em si, como esta primeira experiência foram reconhecidos por Élisée Reclus como centros cujas condições eram perfeitamente saudáveis tanto para o pobre como para o rico<sup>71</sup>.

Em 1920, a escassez de moradia no período pós Primeira Guerra Mundial estimulou a planificação de uma segunda cidade jardim, a qual se transformou em uma cidade satélite de Londres. Referimo-nos a Welwyn Garden City, também com amplas áreas verdes, zonas residenciais, comerciais, industriais e zona agrícola, estimada para uma população que compreendia entre 40.000 e 50.000 habitantes e uma densidade de média de cinco casas por acre.

<sup>70</sup> Lewis Mumford, 1979, vol. II, p. 682.

<sup>71</sup> Élisée Reclus, *Repartição dos homens*, 2010, p. 73-74.

Algumas diferenças entre ambas as cidades jardins se centram no fato de que enquanto Letchworth foi organizada como uma comunidade idealista para demonstrar o que podia conseguir-se mediante a aplicação dos princípios de Howard em uma nova comunidade, Welwyn foi projetada como uma nova cidade independente de Londres, com a intenção de resolver o problema de moradia desta. Assim, Letchworth protagonizou um experimento independente, enquanto Welwyn marcou os começos da política da “nova cidade”<sup>72</sup>. Também contam os estilos das casas residenciais, uma vez que enquanto em Letchworth se aprecia o estilo *Arts and Crafts*; Welwyn, projetada por Louis de Soissons, se caracteriza por uma estética formal do classicismo neo-georgiano<sup>73</sup>.

Sobre este modelo, assim se expressa Lewis Mumford

“Ainda que o principal mérito da cidade jardim, desde o ponto de vista de Howard, consistia em estabelecer a possibilidade de um método mais orgânico de crescimento urbano, o qual não produziria fragmentos desconexos da ordem urbana, mas conjuntos unificados, reunindo valores urbanos e rurais, a mesma também teve também outra função: chamou a atenção da maioria sobre a natureza essencial da cidade e fomentou o exame do processo inteiro de desenvolvimento urbano, atividade que até então havia brilhado pela sua ausência”<sup>74</sup>.

As ideias de Howard, assim como as duas experiências citadas se difundiram após a Segunda Guerra Mundial e orientaram a nova política urbana britânica. A *New Town Act* (Lei de Novas Cidades, 1946) que previu a projeção de um anel de pequenas cidades ao redor de Londres e de outras áreas industriais de Inglaterra é um exemplo<sup>75</sup>. Entretanto, este processo, tanto em Inglaterra como em grande parte do mundo, também adquiriu, segundo Peter Hall, uma série de características que quase as tornaram irreconhecíveis. Suas realizações flutuaram desde o puro bairro dormitório suburbano, que ironicamente era a antítese da proposta de Howard, aos planos utópicos pensados para diminuir a densidade das grandes cidades e recolonizar o campo<sup>76</sup>.

Por isto, apesar de que a cidade-jardim projetada por Howard não contemple algumas das mudanças sociais radicais defendidas pela corrente anarquista, as quais compreenderiam tanto questões relacionadas com a apropriação coletiva dos meios de produção, como o problema da distribuição equitativa dos bens e serviços<sup>77</sup>, a sua concepção representou um importante nexos de unión entre la propuesta territorial de integración campo-ciudad de Kropotkin y el naciente regionalismo proto-ecológico de Geddes y Mumford<sup>78</sup>.

#### *Broadacre City, projetada por Frank Lloyd Wright (1867-1959)*

Os projetos do arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright realizados em diferentes escalas compreendem desde casas de campo, a edifícios públicos ou comunidades, criando e difundindo uma “arquitetura orgânica”, que contrasta claramente com a arquitetura clássica. Inspiram a sua obra a concepção do plano livre ligado à

<sup>72</sup> Stephen Baylen, 1982, p. 59.

<sup>73</sup> Stephen Baylen, 1982, p. 64.

<sup>74</sup> Lewis Mumford, 1979, vol. II, p. 688.

<sup>75</sup> Lewis Mumford, 1979, vol. II, p. 689.

<sup>76</sup> Peter Hall, 2013, p. 17.

<sup>77</sup> Para ampliar esta análise consultar Murray Bookchin, 1978, p. 100-103.

<sup>78</sup> José Luis Oyón, 2014, p. 120.

particularização do espaço interno, e ao conceito de espaço orgânico, cujas formas estruturais foram difundidas ao longo do século XX.

Inspirado nos princípios anarquistas e no enfoque holístico desenvolvido por Reclus, no qual ao afirmar que “o homem é a natureza que adquire consciência de si própria”<sup>79</sup>, a sua arquitetura compreende uma correlação entre sociedade-natureza, ambos articulados no espaço e no tempo<sup>80</sup>. Wright, na sua isonia, concebe as estruturas de suas obras como organismos vivos nos quais é imprescindível que a parte seja para o todo o que o todo é para a parte. Uma conexão como a que se encontra em qualquer planta ou animal e que é importante para todo tipo de vida, inclusive para a arquitetura (orgânica)<sup>81</sup>.

Assim como Reclus, Kropotkin e Howard, Wright questionava a vida antinatural da grande cidade vinculada à metrópole industrial e a sua qualidade ambiental, a divisão social do trabalho e a separação entre o homem e a natureza<sup>82</sup>. Era contrário, portanto, ao modelo de centralização urbana.

A solução que encontrou foi à volta da natureza em si, como ser elemento contínuo na qual todas as funções urbanas estão dispersas e isoladas em forma de unidades reduzidas<sup>83</sup>.

Estas concepções lhe inspiraram a elaborar um novo protótipo de cidade, de cunho naturalista e que se materializou quando projetou, na década de 1930, *Broadacre City*<sup>84</sup>, publicado com detalhes no seu livro *The Disappearing City* (1932) e revisado em anos mais tarde em outra obra, *The Living City* (1958). O mesmo se distinguiu pelo novo tipo de aglomeração, uma organização espacial de baixa densidade que compreendia casas familiares distribuídas em lotes quadrangulares de aproximadamente um acre (4.046,85 m<sup>2</sup>) interrompida somente por edifícios que albergavam os equipamentos públicos (figuras 3 e 4).

---

<sup>79</sup> Elisée Reclus. Prefácio. L’homme est nature prenant conscience d’elle-même. *L’homme et la Terre*, 1905.

<sup>80</sup> Concepção ácrata, conforme analisa Miriam H. Zaar, 2015, entre outros estudiosos desta teoria.

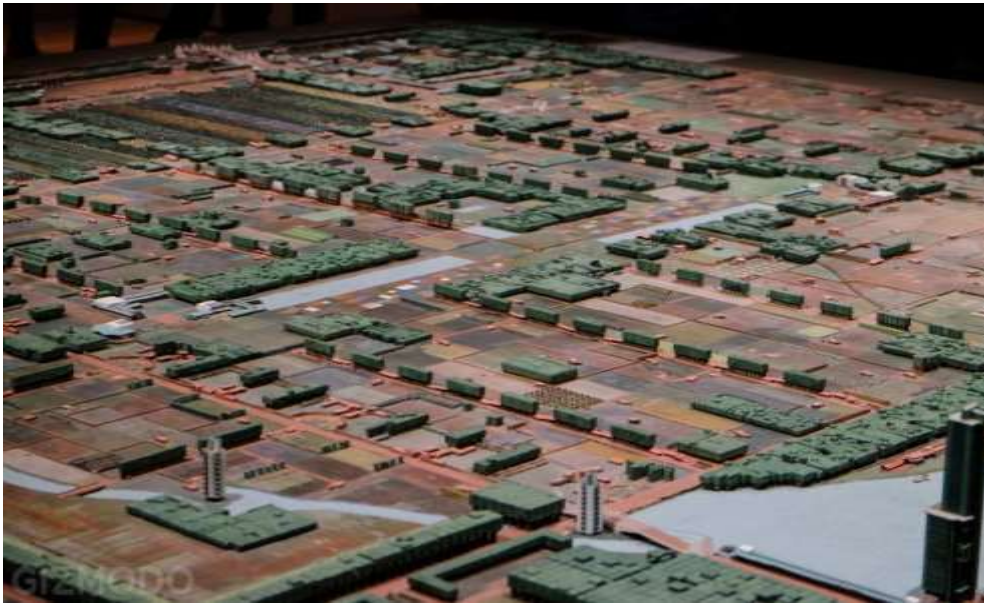
<sup>81</sup> Frank Wright, 1978, p. 15 (*Una conversación*) e p. 254 (*Algunos aspectos del futuro de la arquitectura*).

<sup>82</sup> Estas e outras ideias suas foram publicadas em sua obra *The Living City*, Milão, Skira, 1998 [1958].

<sup>83</sup> Françoise Choay, 1983, p. 60.

<sup>84</sup> A denominação *Broadacre* provém da união de *broad* + *acre*. Com a mesma fica implícito que inclusive os seus habitantes menos favorecidos economicamente teriam pelo menos um acre de terreno (Lewis Mumford, 1959, p. 28).

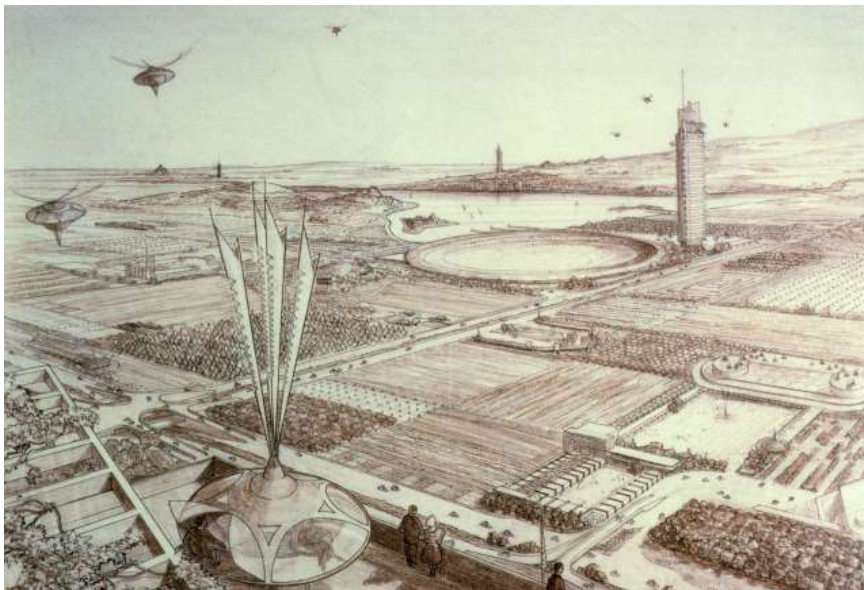
**Figura 3. Maquete de *Broadacre City***



Elaborada em escala 1:2.000 (3,65x3,65 m.). Exposta inicialmente em abril de 1934, no Rockefeller Center New York e mais tarde em outras cidades americanas e europeias.

Fonte: <<http://www.metropolismag.com/Point-of-View/July-2014/What-Broadacre-City-Can-Teach-Us/>>

**Figura 4. Esboço de *Broadacre City***



Fonte: <<http://www.metropolismag.com/Point-of-View/July-2014/What-Broadacre-City-Can-Teach-Us/>>

Este conceito de cidade, constituída por pequenas comunidades, além de superar a dicotomia urbano-rural, compreendia uma proposta na qual a vida e a cultura estavam vinculadas e a qualidade de vida presente<sup>85</sup>. Ao contemplar uma série de atributos amplamente difundidos pelas teses anarquistas, tais como: a) liberdade do indivíduo associado; b) auto-governo, no qual os cidadãos estivessem comprometidos com as

<sup>85</sup> Giorgio Ciucci, 1975, p. 315-316, 367.

atividades comunitárias; c) relativa autossuficiência; d) associação do trabalho intelectual e manual; e) contato com a natureza; esta iniciativa representava a antítese das grandes cidades.

Neste projeto Frank Wright planeja “un nuevo tipo de ciudad. Habrá una estructura orgánica en el gobierno, una estructura orgánica en la sociedad, una estructura orgánica en la economía de ambos”<sup>86</sup>.

Ainda que dotadas de uma ampla rede de comunicação, o arquiteto previu que o tamanho dos lotes pudessem comportar atividades agrícolas e industriais, fato que possibilitaria aos seus moradores pudessem exercer atividades que articulassem indústria e agricultura, uma das principais ideias do pensamento ácrata. Entendia que esta “nova cidade” contribuiria para restabelecer a relação harmônica entre o homem e a natureza.

Este novo modelo também vai de encontro à proposta de Kropotkin o qual defende o cultivo da terra nas cidades e a sua autossuficiência: “Después de haber dividido el trabajo, es preciso integrar: tal es la marcha seguida por toda la naturaleza”<sup>87</sup>. Condições que de acordo com Françoise Choay, levam o ideal usoniano de Frank Wright a se aproximar da visão de Kropotkin<sup>88</sup>.

Por suas características, Wright crê que o seu modelo levaria, em três ou quatro gerações, ao abandono da cidade porque as pessoas se sentiriam atraídas por esta nova vida.

Assim, à diferença de Howard, que projetou uma cidade voltada para o seu campo agrícola, Wright idealizou um núcleo urbano onde, devido à extensão do terreno, os seus moradores pudessem, desempenhar atividades agrícolas e industriais. Esta concepção consegue conjugar vários princípios anarquistas: o problema de provisão de alimentos, a associação entre cidadãos e camponeses e a troca de produtos segundo as suas necessidades, a eliminação das relações de trabalho expropriadoras, a alternância de atividades e a subsistência. Dificuldades que afligia a maioria dos trabalhadores das grandes cidades.

Como analisa Françoise Choay, Broadacre se converteu na única proposta urbanística que rejeita completamente a coação. Trata-se um modelo naturalista cujo espaço é complexo porque ainda que suas principais características o definam como naturalista, alguns aspectos o aproximam a outros dois modelos, o culturalista e o progressista, aparentemente antagônicos. É ao mesmo tempo um espaço aberto e cerrado, universal e particular. “Um espaço moderno que se oferece generosamente à liberdade do homem”<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup> Frank Wright, 1978, p. 269.

<sup>87</sup> Piotr Kropotkin. *La Conquista del pan*, 1973, p. 62.

<sup>88</sup> Françoise Choay, 1970, p. 243-244.

<sup>89</sup> Françoise Choay, 1983, p. 61-62.



*As experiências coletivas da segunda metade do século XX e sua relação com as concepções anarquistas do século XIX*

Segundo Murray Bookchin o anarquismo poderia ser o movimento mais ativo e inovador da área radical, se quisera sê-lo. Ao mencionar os princípios ácratas, autogestão, descentralização, federalismo, apoio mútuo, e a sensibilidade orgânica, naturalista e mutualista, ressalta que todas as ideias importantes são produto do seu tempo e devem ser elaboradas ou modificadas para enfrentar novas conjunturas, ainda que, o que unifica esta corrente filosófica é o conceito básico “nenhum domínio do homem sobre o homem”. Uma postura antiautoritária que, segundo o autor, está em constante evolução e não pode ser limitada no tempo e no espaço, já que o problema central está na consciência de classe ou na consciência libertadora<sup>90</sup>.

Em consonância com suas palavras entendemos que perpetuar as concepções anarquistas tal como foram concebidas no seu tempo não nos possibilitaria identificar os sujeitos históricos responsáveis pelas novas mudanças sociais. Temas vinculados à ecologia, ao direito à moradia, a uma melhor qualidade de vida, assim como ampliar as oportunidades de participação cidadã na decisão dos parâmetros que têm orientado o planejamento das cidades, têm estado na pauta dos debates e das reivindicações dos principais movimentos sociais que atuaram na segunda metade do século XX e que nas primeiras décadas do século XXI adquirem uma nova dinâmica com a organização de redes virtuais.

O questionamento a uma ordem estabelecida que legitime grande parte das contradições urbanas tem sido uma constante destes movimentos sociais, cuja origem pode encontrar-se em associações de moradores ou grupos de contestação à crise urbana. Ocorreu em Paris, quando se aprovou o plano de renovação urbana “Reconquista Urbana de Paris” que alcançou o seu apogeu entre 1964 e 1970 e afetou a vários bairros do setor sul. Entre eles o bairro de tradição obreira de *Cité du Peuple* no qual os moradores organizados se enfrentaram à decisão de desalojo à zonas suburbanas, ocupando casas já expropriadas<sup>91</sup>.

Uma reação que se repetiu em outras grandes cidades. Em Berlim, a partir de 1979, a defesa do patrimônio arquitetônico da cidade originou um movimento de protesto contra a demolição de edifícios antigos em bom estado. Em 1981 haviam 165 casas ocupadas, fato que levou as autoridades a regulá-las mediante um contrato de aluguel (*instandbesetzen*). Dez anos mais tarde, a queda do Muro de Berlim promoveu uma segunda oleada de ocupações na porção Leste da cidade, onde principalmente grupos de artistas ocuparam uma parte dos edifícios e dos terrenos que se encontravam abandonados.

Neste mesmo contexto e tomando como exemplo a cidade de Barcelona dos anos 1970-1980 se tem ressaltado como as necessidades da acumulação capitalista se antepõem às necessidades cotidianas da população urbana e como a demanda das mesmas pode originar movimentos urbanos reivindicativos e organizados que passam da fase de informação e da conversão das necessidades individuais em reivindicações e

---

<sup>90</sup> Murray Bookchin, 1992, p. 26-31.

<sup>91</sup> Manuel Castells, 1977, p. 14-41.

manifestações coletivas<sup>92</sup>. Outros estudos nos mostram como a sensibilidade cidadã tem atuado a favor da conservação do patrimônio histórico barcelonês<sup>93</sup>.

Uma dinâmica na qual incluímos algumas iniciativas promovidas pelos denominados movimentos contraculturais ou “anti-sistema” cujos membros clamam por outro modelo de sociedade e de cidade, no qual a terra seja coletiva e autogestionada, e as relações com seus semelhantes e com a natureza seja harmoniosa.

Devido ao grande número de experiências que de uma ou de outra forma contém elementos que se vinculam entre si, optamos por analisar dois exemplos em específico, as eco aldeias e as hortas urbanas autogestionadas, cujas ações se inspiram, em grande parte, nos conceitos desenvolvidos pelo pensamento anarquista.

As eco aldeias ou *cohousing* poderiam ser uma das formas comunitárias que se inserem nas propostas de Murray Bookchin quando propõe que para restaurar a urbanidade como forma fundamental de associação e comunidade “antes é preciso destruir as megalópoles e substituí-las por novas eco comunidades centralizadas e cuidadosamente adaptá-las ao ecossistema no qual se situam<sup>94</sup>.”

Compreendem organizações coletivas formadas, geralmente, por um pequeno número de casas agrupadas, adquiridas mediante compra, legalizadas através de contratos de cessão de uso, ou simplesmente apropriadas para moradia. Ainda que apresentem uma grande diversidade de experiências, já que as suas características dependem dos grupos que as constituem e as possibilidades meio ambientais, a cooperação, a autogestão, e as atividades agroecológicas são comuns. Desde o ponto de vista arquitetônico combinam espaços comuns e áreas privadas. A cozinha, uma área para refeições, para sala de estar e de jogos, biblioteca, armazém e área de serviço são utilizadas de forma comunitária. O trabalho coletivo e as despesas compartilhadas promovem a sociabilização, facilitam a gestão e reduzem os gastos. Seus membros compartilham experiências através da Red Ibérica de Ecoaldeas (RIE)<sup>95</sup>.

É em espaços que compreendem o que Bookchin denomina de “‘anti-cidade’, nem urbana nem rural”<sup>96</sup> que aparecem outros movimentos sociais que questionam os novos planos de urbanização urbana, a sua densificação e a especulação imobiliária, os quais também representam uma forma de coletividade com características ácratas. A sua origem está no movimento *Green Guerrilla* criado nos Estados Unidos da América em 1973, cuja apropriação de um terreno urbano abandonado e a construção de uma horta, abriu caminho para muitas outras experiências análogas (*movement squatter*).

Organizados, ocupam casas e terrenos urbanos abandonados e os transformam em áreas comunitárias autogestionadas. É o caso de Can Masdeu em Barcelona, uma antiga chácara abandonada situada nas proximidades do Parque Natural da *Sierra de Colseroll*, cujos integrantes possuem como meta recuperar o uso tradicional da mesma,

---

<sup>92</sup> Horacio Capel, 2007 e Jordi Borja, 1975.

<sup>93</sup> Como analisado por Mercedes Tatjer, 2008. <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-270/sn-270-140.htm>>

<sup>94</sup> Murray Bokchin, 1978, p. 115.

<sup>95</sup> Para ampliar estas informaciones, consultar la Red Ibérica de Ecoaldeas <<http://www.ecoaldeas.org/>>.

<sup>96</sup> Murray Bookchin, 1978, p. 155.

estimulando a agricultura orgânica, desenvolvendo projetos relacionados com energias alternativas e fomentando debates sobre a preservação do referido parque.

Situações similares ocorrem igualmente em bairros muito densos das grandes cidades, onde grupos sociais se apropriam de terrenos e organizam hortas urbanas, cujos espaços compreendem uma série de atividades sociais e ecológicas. O projeto *¡Esto es una plaza!*, na cidade de Madri, no Bairro Lavapiés, cujo terreno abandonado durante trinta anos, foi transformado em um espaço coletivo, lugar de intercambio e de desenvolvimento do tecido social, com espaços de cultura, debate e lazer, é um exemplo.

Na cidade de Barcelona, há várias experiências similares cuja origem está diretamente vinculada ao *Pla d'Ordenació del Territori* o qual prevê a reurbanização dos bairros centrais, incluindo a demolição de edifícios e a realocação da população que ali reside há décadas, levando ao deterioro meio ambiental e paisagístico dos mesmos<sup>97</sup>.

Uma destas experiências é a do *Hort del Xino*, Bairro do Raval (figura 5), cujo processo de ocupação iniciou em 2007 e se intensificou após o Movimento 15M. Além das atividades na horta, realizam oficinas infantis, organizam debates e mesas redondas sobre temas relacionados com a agroecologia e o consumo responsável.

Outra é a do *Hort del Furat*, Bairro da Ribeira (figura 6), com uma importante implicação da comunidade que se enfrentou à iniciativa da prefeitura de construir um estacionamento no local<sup>98</sup>. Movimentos que ganharam impulso a partir do *Movimento 15 M* (2011), o qual contou, tanto no acampamento de Madri (*Porta del Sol*), como o de Barcelona (*Plaza Cataluña*) com uma horta comunitária.

**Figuras 5 e 6. Hort del Xino (esquerda) e Hort del Furat (direita), Barcelona, 2013**



Fonte: Acervo da autora.

<sup>97</sup> Para maiores detalhes deste processo, consultar Horacio Capel, 2007. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-233.htm>>.

<sup>98</sup> Para ampliar esta informação e conhecer experiências similares, consultar Miriam H. Zaar, 2011. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w944.htm>>.

São exemplos de iniciativas cujas formas multifacetadas atendem as especificidades (social, urbanística, etc.) de cada lugar (cidade). A sua difusão em diferentes continentes têm apresentado experiências que nos remetem tanto aos países europeus, como na América (por exemplo, a Praça do Ciclista, na Avenida Paulista, São Paulo), espaços de resistência que clamam por espaços híbridos, nos quais elementos do urbano e do rural possam coexistir de forma harmônica.

### **A cidade utópica, uma reflexão necessária**

“El anarquismo hoy en día debe mantener resueltamente su carácter de movimiento social —un movimiento social tanto programático como activista—, un movimiento que conjuga su disposición a luchar por una sociedad comunista libertaria con su crítica directa del capitalismo, sin ocultarlo bajo etiquetas como ‘sociedad industrial’”<sup>99</sup>.

Diferente de outras concepções urbanas universais, as quais se materializaram em projetos subvencionados por instituições estatais, as iniciativas impulsionadas por coletivos específicos, como forma de reação contra o planejamento urbano estabelecido durante o século XX e início do XXI aplica, em sua essência diversos princípios ácratas fundamentais.

Deste movimento tem participado importantes arquitetos e movimentos sociais cujas bases diversas têm inspirado experiências que apesar de não representarem os preceitos teóricos ácratas na sua íntegra, possuem um forte vínculo com mesmos, porque ao mesmo tempo em que defendem o apoio mútuo e a cooperação, a autogestão, a eliminação da dicotomia campo-cidade, e a alternância de atividades realizadas coletivamente, rejeitam o Estado autoritário e a expropriação do homem pelo homem.

Representam, segundo o contexto político e socioeconômico em que se materializaram, os anseios dos seus protagonistas no intento de solucionar os problemas sociais e ambientais que afligiam e continuam afligindo a maioria das cidades.

Os exemplos analisados refletem este processo histórico. Parte das inquietudes de Reclus, Kropotkin, Howard e Wright com relação à concepção de um novo modelo de cidade, e discute como, à exceção dos aspectos que contemplam uma ruptura com o sistema socioeconômico vigente, ambos os conceitos possuem em comum a busca por melhores condições de vida e de trabalho da população obreira.

Os projetos dos núcleos urbanos de *Letchworth* e *Welwyn* representaram a demanda das primeiras décadas do século XX em uma Europa, caracterizada por cidades industriais caóticas ou núcleos urbanos devastados por duas Guerras Mundiais. Já *Broadacre City*, idealizada por Frank Wright, reproduz uma reação à “cidade leocorbusiana das torres”, densa e, portanto, inumana se consideramos os princípios ácratas.

Demandas que continuam sendo muito atuais, mas que, devido às diferentes conjunturas políticas e econômicas, se apresentam, segundo cada época, imbuídas de novos atributos. Assim, desde a década de 1960, as políticas urbanísticas têm incitado à

---

<sup>99</sup> Murray Bookchin, 2012, p. 102.

organização e atuação de grupos sociais que surgem com o objetivo de se contrapor ao processo de gentrificação, cujo formato de implantação e execução se converteu em um meio a mais de alimentar o processo de reprodução do capital, acirrando as desigualdades sociais e excluindo a população de baixa renda.

A sua meta inicial é organizar-se e defender o seu direito a permanecer nos bairros centrais, mas ao formarem parte de movimentos sociais urbanos mais amplos que reagem contra o planejamento urbano imposto, rejeitam a especulação imobiliária e a mobilidade do capital que deixa atrás de si grandes áreas urbanas abandonadas e elevadas taxas de desemprego, superam as expectativas iniciais e reivindicam uma maior participação cidadã nas decisões que contemplem mudanças nos modelos urbanos.

Uma conjuntura que nos leva a corroborar com Murray Bookchin, quando afirma que é imprescindível pensar em uma “nova cidade” a partir das novas políticas e das novas demandas sociais. Para isto, e com base nas iniciativas analisadas em este texto, cremos que o cenário atual nos remete a duas proposições principais.

Uma delas, é que os projetos delimitados espacialmente (urbanísticos) e confinados a uma escala local, como os concebidos por Howard e Wright, não contemplem a superação das contradições urbanas, porque o seu arranjo espacial e social favorece apenas um pequeno número de trabalhadores que dele fazem parte, não extrapolando às suas áreas contíguas.

A outra proposição parte da concepção que espaço e sociedade formam uma unidade, condição que nos leva a pensar em uma cidade utópica concebida a partir das inúmeras possibilidades que a cidade “real” oferece. Para isto, é essencial lembrar que Kropotkin não delimitou espacialmente o seu modelo de cidade, mas recomendou que a mesma deveria ser construída a partir da conscientização dos problemas inerentes a cidade “real”.

É neste contexto que contemplamos os movimentos sociais urbanos, como agentes de um processo que, ao atuar em conjunto como um poder público comprometido com as causas sociais e inclusive formar parte deste poder, como é o que sucedeu em algumas cidades espanholas a partir das eleições de 2014, possam frear a atuação “ilimitada” do capital.

Aspirar uma nova “ordem social”, ainda que a mesma não promova a ruptura definitiva com a estrutura político-econômica dominante, como almejavam Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, parece ser a condição indispensável para se pensar a cidade utópica atual. Apreende, na sua essência, uma contestação à “cidade real” e representa, para a maior parte da sociedade, organizada em associações de moradores, comunidades alternativas ou grupos contestatários, a busca, através da conscientização coletiva, de uma cidade estruturalmente e socialmente mais justa.

## **Bibliografia**

BAYLEY, Stephen. *La ciudad jardín*. Madrid: Adir, 1982.

BOOKCHIN, Murray. El anarquismo ante los nuevos tiempos. In: BOOKCHIN, Murray; CHOMSKY, Noam; READ, Herbert; WARD, Colin; CLARK, John; CAPELLETI, Angel. *El anarquismo y los problemas contemporaneos*. Móstoles: Madre Tierra, 1992.

BOOKCHIN, Murray. Los límites de la ciudad. Madrid: H. Blume Ediciones, 1978.

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo social ou anarquismo individual. Um abismo insuperável. Barcelona: Virus editorial, 2012.

BORJA, Jordi. *Movimientos sociales urbanos*. Buenos Aires: Siap-Planteos, 1975.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía*. Barcelona: Barcanova, 1988, 3ª ed.

CAPEL, Horacio. El futuro de las ciudades. Una propuesta de manifiesto. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 551, 10 de dezembro de 2004. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-551.htm>>. [ISSN 1138-9796].

CAPEL, Horacio. El debate sobre la construcción de la ciudad y el llamado "Modelo Barcelona". *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de febrero de 2007, vol. XI, núm. 233. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-233.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

CASTELLS, Manuel. *Movimientos sociales urbanos*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1977.

CHOAY, Françoise. *El urbanismo. Utopías y realidades*. Barcelona: Editorial Lumem, 1983.

CIUCCI, Giorgio. La ciudad en la ideología agraria y Frank Lloyd Wright. CIUCCI, Giorgio; DAL CO, Franceso; MANIERI-ELIA, Mario; TAFURI, Manfredo. *La ciudad americana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975. P. 295-385.

FERRETTI, Frederico. Los geógrafos anarquistas y la ciudad: producir espacios diferentes entre morfología urbana e transformación social. *Boletim Goiano de Geografia*. v. 34, n. 3, p. 399-421, set./dez. 2014. <<https://revistas.ufg.br/index.php?journal=bgg&page=article&op=view&path%5B%5D=33853&path%5B%5D=18257>>

FERRETTI, Federico y PELLETIER, Philippe. Sptialités et rapports de domination dans l'oeuvre des géographes anarchistes Reclus, Kropotkine et Metchnikoff. In: CLEVAL, Anne et al. *Espace et rapports de domination*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2015. p. 23-34. Versão em português: Espacialidades y relaciones de dominación en el trabajo de los geógrafos anarquistas Reclus, Kropotkin y León Metchnikoff.

<[https://www.academia.edu/3465855/\\_Ind%C3%ADgenas\\_do\\_universo\\_espa%C3%A7o\\_domin%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_pr%C3%A1ticas\\_de\\_liberta%C3%A7%C3%A3o\\_s](https://www.academia.edu/3465855/_Ind%C3%ADgenas_do_universo_espa%C3%A7o_domin%C3%A7%C3%A3o_e_pr%C3%A1ticas_de_liberta%C3%A7%C3%A3o_s)>

ocial\_na\_obra\_dos\_ge%C3%B3grafos\_anarquistas\_Elis%C3%A9e\_Reclus\_Piotr\_Kropotkin\_e\_L%C3%A9on\_Metchnikoff>

HALL, Peter. *Ciudades del mañana. Historia del urbanismo del siglo XX*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2013, reimpressão.

HARVEY, David. *Espacios del capital*. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

HOWARD, Ebenezer. *Les Cités-Jardins de demain*. Paris: Dunod, 1969.

HOWELLS, William. *A Travel from Altruria*. Nova York: Hill and Wang, 1968

KROPOTKIN, Piotr. *La conquista del pan*. Madrid: Zero S. A., 1973. Título original: *La Conquête du Pain, Paris*, Tresse et Stock, 1892, com prefácio de Élisée Reclus.

KROPOTKIN, Piotr. *Campos, fábricas y talleres*. Madrid: Zero, 1978. Título original publicação francesa: *Champs, Usines et Ateliers, ou l'industrie combinée avec l'agriculture et le travail cérébral avec le travail manuel*, Paris, P. V. Stock Éditeur, 1910.

LEVEBVRE, Henri. *Espacio y política*. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

MUMFORD, Lewis. *Frank Wright y otros escritos*. Buenos Aires: Infinito, 1959, p. 27.

MUMFORD, Lewis. L'idée de cite-jardin et l'urbanisme modern. HOWARD, Ebenezer. *Les Cités-Jardins de demain*. Paris: Dunod, 1969. p. XXXVII-XLIX.

MUMFORD, Lewis. *La ciudad en la historia. Sus orígenes, transformaciones y perspectivas*. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1979. Tradução ao espanhol E. L. Revol. Biblioteca de Planeamiento y Vivienda, vol. 2. Título original: *The city in history: its origins, its transformations, and its prospects* (1961).

OYÓN, José Luis. La conquista desde el consumo: Kropotkin y la Comuna anarquista de La Conquista del pan. *Urban*, Escuela Superior de Arquitectura de Madrid, p. 105-122, nº 7, 2014.

RECLUS, Élisée. L'homme est nature prenant conscience d'elle-même. *L'homme et la Terre*. Paris, Universelle, 1905, Prefácio.

RECLUS, Élisée. E. Reclus. O problema urbano. In: ANDRADE, Manuel Correia de (Org); FERNANDES, Florestan (Coord). *Élisée Reclus*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 143-166. Título original: Répartition des Hommes, *L'homme et la Terre*, Paris, Universelle, 1905, tomo V, cap II.

RECLUS, Élisée. Repartición de los hombres. *El Hombre y la Tierra*. Introdução e seleção de textos Béatrice Giblin. México: Fundo de Cultura Econômica, 1986. p. 199-222. Título original: Répartition des Hommes, *L'homme et la Terre*, Paris, Universelle, 1905, tomo V, cap II.

RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário/ Expressão & Arte Editora, 2010. Título original: *Du sentimento de la nature dans les sociétés modernes*, 1866.

TATJER, Mercedes. Diez años de estudios sobre el patrimonio industrial de Barcelona. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (140). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-140.htm>> [ISSN: 1138-9788].

WRIGHT, Frank Lloyd. *El futuro de la arquitectura*. Barcelona: Poseidon, 1978. Tradução do inglês Eduardo Goligorsky. Título original: *The future of architecture*. New York: Horizon Press Inc, 1953.

ZAAR, Miriam Hermi. Agricultura urbana: algunas reflexiones sobre su origen y expansión. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de octubre de 2011, Vol. XVI, nº 944. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w944.htm>>. [ISSN 11389796].

ZAAR, Miriam Hermi. Élisée Reclus e o seu método geográfico. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de junio de 2015, Vol. XX, nº 1.123. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1123.pdf>>. [ISSN 1138-9796]. (a)

ZAAR, Miriam Hermi. *A questão agrária na obra geográfica de Élisée Reclus. Ateliê Geográfico*. Goiânia-GO, dezembro de 2015, Vol. 9, nº 3, p. 43-62. <<https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=ateli&page=article&op=view&path%5B%5D=37627&path%5B%5D=19930>> [ISSN 1982-1956] [DOI 105216/ag.v9i3.37627]. (b)